

NOTÍCIAS DE GUIMARÁIS

VISADO PELA
M. DE CENSURA

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Tel. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Editorial

Os portugueses na Etiópia no século XVI

D. João II e Pero da Covilhã. — O Jesuíta Gonçalo da Silveira, filho do conde de Sortelha. — As cartas de D. João III e a resposta do négus. — A fançanha de João Peixoto no Estreito. — O regresso do inaciano.

Enquanto que D. João III — mais propenso às coisas do espírito do que aos negócios do reino — enviava às terras do Prestes os padres da Companhia para o estabelecimento da religião católica na Etiópia, os negócios da Índia iam correndo do abandono, apesar dos esforços de alguns governadores, mais patriotas do que aventureiros.

D. João II enviava Pero da Covilhã em busca do rei cristão do Oriente, o qual poderia dizer coisas que interessassem aos portugueses sobre o verdadeiro caminho marítimo para a Índia. Este enviado falou, de facto, com o imperador Hescander ou Alexandre, o qual faleceu no tempo em que Vasco da Gama descobriu a Índia.

O filho de Anda Cheon, o imperador David, foi o que enviou o «Imperador Matheus ao Reyno, e a quem ElRei D. Manoel mandou D. Rodrigo de Lima.»

Governava a Etiópia o Imperador Cláudio ou Athana Saged, ao mesmo tempo que em Portugal reinava o fanático D. João III. O monarca português não desejava propagar a fé cristã, enviara ao Preste, em missão religiosa, o jesuíta Padre Mestre Gonçalo da Silveira, que mais tarde seria martirizado no Monomotapa.

Filho do Conde de Sortelha foi educado — por ter ficado órfão de tenra idade — por sua irmã, D. Filipa de Vilhena. Aprendera latim e gramática no convento de Santa Margarida e depois seguira os estudos teológicos em Coimbra. Vestira a roupeta em 4153. Em 1555, o inaciano aportou às terras da Etiópia, onde encontrou, ainda, alguns dos companheiros de D. Cristóvão da Gama que ali ficaram após a batalha contra os turcos, na qual perdera a vida o glorioso capitão. Chegando à corte o imperador recebeu as cartas que ele levava de D. João III, mandando agasalhá-lo como a embaixador de poderoso príncipe.

Dias depois, mandando-o chamar à sua presença, recebeu de suas mãos, a embaixada, a qual continha o seguinte:

«Que ElRei de Portugal seu irmão lhe mandava pedir, que a exemplo de seu pai, e avô, seguisse o verdadeiro caminho da sua salvação, e comunicasse com os Catholicos, dando obediência à Santa Sé Apostolica, e Igreja Romana, como cabeça de toda a Christandade; que elle tinha significado ao Summo Pontífice seu desejo, conforme ás cartas que elle sobre aquelle negócio lhe escrevera. Que movido de seu santo zelo, lhe tinha concedido hum Patriarca, e dous Bispos, que ficavam em Lisboa, para virem na primeira Armada; que havia elle de estimar muito o amor com que o Vigario de Christo se movia a acudir a seus rogos, e a lhe mandar os mais escolhidos Varões que pode, para o instruírem a elle, e aos seus nos costumes Romanos, para poderem dignamente ser chamados irmãos dos Fieis, e filhos da Igreja.»

O négus, a quem repugnava mudar de ritos religiosos, temendo, talvez, a revolta de seus súbditos, e já bem aconselhada acerca das práticas jesuíticas, respondeu ao virtuoso varão: «Que não sabia de carta alguma que escrevesse a ElRei de Portugal seu irmão sobre aquella materia, porque nunca tivera tenção de mudar as ceremonias, que havia tantas centenas de annos se usavam naquelles Reynos que se alguma cousa fallava a carta, o seu Secretario a escreveria, sem lho elle mandar. Mas que por sima de tudo elle era grande servidor de ElRei de Portugal, e não deixava de lhe agradecer a boa vontade, zelo, e trabalho, que naquellas cousas tinha mostrado.»

Seguindo com paciência, Gonçalo da Silveira, em lugar de se retirar, continuou naquele império, contrariando os desejos do soberano que o recebera com tão grandes mostras de sympathia. O seu espirito de sacrificio, revelou-se já bem na transgressão das leis do país decretadas pelo négus «que nunca tivera tenção de mudar as ceremonias, que havia tantas centenas de annos se usavam naquelles Reynos.»

O padre Gonçalo da Silveira ia ministrando os sacramentos catholicos e convertendo com as suas práticas

muitos abexins à religião que por instinto e desde muito novo abraçara. O imperador que temia qualquer revolta popular, foi-o despedindo dizendo-lhe que: «em Maçã acharia todo o aparelho necessario para seu caminho; e que depois de ser lá, Deos Nosso Senhor tinha poder para o encaminhar a seguir o que fosse melhor para sua salvação».

Foi então que o governador, Francisco Barreto, sabendo que o jesuíta se encontrava à espera de navio para se volver à Índia, enviou uma armada do comando de João Peixoto, o qual entrando o Estreito de Meca chegou à ilha de Çuaquem.

Guerreiro e valoroso quis adquirir mais uma coroa de glória para a sua frente já aureolada por feitos de grande monta.

Sabendo que o palácio do rei da ilha se encontrava junto ao mar, fez desembarcar os seus soldados e acometer aquella terra na mira de oferecer aos seus homens ensejo de boa pilhagem e carnificina.

Mal puseram pé em terra, os portugueses, assaltaram a residência real e, no meio do maior silêncio, para não serem presentidos e mais à vontade realizarem os seus desígnios, foram passando a fio de espada todos os que encontraram no caminho até que chegaram à porta da câmara em que o monarca repousava e aos encontrões a arrombaram.

O soberano, descuidado e confiante na sua guarda, não podia suspeitar que aquela hora da noite alguém se atrevesse a invadir-lhe a residência real sem que as vigias dessem o alarme e, entregue a profundo sono, foi presa dos portugueses que ávidos de sangue e vingança, o mataram, bem como aos que vieram em seu socorro, despertos pelo ruído que os assaltantes fizeram.

A pilhagem foi completa, não só no Paço como em toda a ilha e dezenas de captivos foram transportados para as náus que na praia aguardavam os homens de armas.

Realizado o feito que não pode ilustrar o nome glorioso do esforço guerreiro, a armada dirigiu-se para o porto de Arquicó onde o padre Gonçalo da Silveira aguardava quem o transportasse à Índia a dar parte ao bispo da missão de que o haviam encarregado.

Desta forma regressou o inaciano para junto do governador, não sem que o imperador da Etiópia o mandasse acompanhar e «prover de todo o necessario em abundancia».

Afonso Mendes, mais tarde, seria despedido de outra forma.

Oliveira Abrantes.

«Argumentadores»

Se noutros tempos vivéssemos tais «argumentadores», as suas razões nunca seriam «aduzidas e nem se teria consentido no descêdo de desvirtuar o sentido das palavras que, em vez de serem tomadas na sua verdadeira acepção, dão azo a que a futilidade as deturpe a seu bel-prazer.

Menina e... moça

Bernardim Ribeiro fica apagado ao lê-se aquella novela do... Alicerces dum Monumento.

E' bem verdade que não se ouvem os trilos dos roussinóis que possam morrer de cansados de tanto cantarem; mas, pretuguês vernáculo e enredo de fazer deitar lágrima, lá isso é que se observa e distingue, principalmente naquelles soliloquios da menina e... moça de cabelo empoado e perruca, que, ao monologar, o costuma fazer — só.

A coêrência

Ligação, harmonia, nexos entre dois factos, entre duas ideias.

Assim posta com distincção em suas partes, a aderência requerida não se mostra conforme e, nas palavras e obras, a ligação moral é de difficil verificação, ainda que pomposamente se cabouquem «alicer-

ces» que jámais conseguirão ter coesão e unidade.

Rua Dr. José Sampaio

Apesar de tratar-se de uma rua ampla e arejada, o certo é que a vassoura camarária também ali não chega, verificando-se que há porções de passeio onde escorrem dejectos de cortes e cortellos.

Para consentir neste lamentável estado de coisas, melhor seria que nunca fizessem figurar o nome do Dr. José Sampaio na toponímia citadina.

João Franco

O nosso prezado colega local «O Comércio de Guimarães» presta homenagem, no seu último número, à memória do grande Estadista e devotado amigo da nossa terra, Conselheiro João Franco.

Ao completar mais um ano do seu desaparecimento do número dos vivos, curvamos-nos, também, respeitosamente, ante a sua saudosa memória.

A comemoração Gilvicentina

Um artigo oportuno

O artigo que o sr. dr. Jorge de Faria publicou no «Diário da Manhã», de 25 de Março e de que o «Notícias» transcreveu uma parte, é de veras notável e oportuno.

Crítico apreciado, escritor de notáveis qualidades, dedicado aos assuntos de teatro, o dr. Jorge Faria veio dar a sua adesão à campanha que tenho sustentado para que, neste ano, seja levantado um monumento condigno a essa genial figura da nossa história literária, que é Gil Vicente.

Sobre a naturalidade do sr. dr. do nosso teatro, o sr. dr. Jorge de Faria põe ponto final, baseado na afirmação de «D. António de Lima, genealogista de tomo, filho do alcaide-mór da então vila, fidalgo de solar, e no que parece relacionado com a família do poeta» e que dá Gil Vicente natural de Guimarães.

Portanto a nossa terra promovendo a comemoração do IV centenário da morte do nosso primeiro comediógrafo e levantando-lhe um monumento, honra-se sobremodo, honrando, também, a memória desse vimaranense ilustre que, se é orgulho da nossa terra, não o é menos de Portugal.

Há, pois, que tomar resoluções definitivas. Esperamos que elas não demorem para glória e brío baírrista dos vimaranenses, e que se aproveitem as valiosas sugestões do sr. dr. Jorge de Faria.

31 de Março de 1936.

Manuel Alves de Oliveira.

De tudo... um pouco

Ao célebre caso de Sintra — o desaparecimento do empregado bancário Luiz Uceda — chamam os grandes jornais — o novo mistério... Compreende-se a intenção: o negócio rendoso que este caso traz às suas empresas, explorando um caso velho que tem dado à policia água pela barba, empenhada, aliás, na des-

coberta dos criminosos, suando as estopinhas dias e noites — ouvindo a todas as horas as mesmas palavras, lançando hipóteses e esbarrando com cartas anónimas... cujos autores há muito deviam sofrer o correctivo pela desfaçatez do seu anonimato, criando talvez — quem sabe? — a confusão e a arrelia.

Quando a chamar-se «novo mistério» de Sintra, tá queto! E se os órgãos se calassem? Prestariam, sem dúvida, um belo serviço... à Policia.

— E o nosso negócio?! Os senhores não compreenderam ainda que a imprensa de coturno tem um largo estômago?! — Tem, tem... sim, senhor!

Cá estamos nós outra vez com o relógio! Mas desta feita, caros leitores, para lhes dar a boa-nova de que já se podem ver os ponteiros e as horas com um bom projector... porque a lâmpada continua à espera de quem tenha a caridade de abrir... uma subscrição em seu favor.

Diz-se que o Zé Pinto inventou uma endrômênica que vai rifar para, com o seu produto, dar início à subscrição.

Acêrca da campanha PRÓ-MONUMENTO em Guimarães

Como era de esperar — e o contrário não seria de admitir — a vetusta cidade de Guimarães compreendeu e sentiu bem a justiça e a razão da patriótica campanha desenvolvida por este jornal em favor da ideia de numa das suas artérias ser erguido um padrao evocativo da bravura e da glória dos seus heróicos naturais sacrificados na Grande Guerra, tomando a louvável resolução de nomear uma grande Comissão encarregada de levar a efeito essa simpática dívida de reconhecimento aos seus Heróis, e Comissão essa que, como se infere da leitura das notícias vindas a publico sobre as várias manifestações das suas actividades, tem arduosamente trabalhado no sentido de ter uma breve realização o seu intuito que é, a-final, o de todos os seus patricios que nutrem o desejo de quanto antes se cumprir essa manifestação de respeito e de saudade pelos seus valentes patricios.

Seria injustiça dizer que a Comissão Executiva encarregada dessa homenagem não tem trabalhado com carinho e perseverança notáveis, sendo de louvar muito justamente o esforço e a boa vontade que tem evidenciado, animada como ela está do desejo de trabalhar bem e de conseguir uma boa finalização nos seus trabalhos.

Todavia, sem que o que vamos expor represente menos apreço pela sua acção, — e pelo que nos é dado conhecer dela através da leitura deste jornal — cremos que haja uma certa confusão de ideias, uma certa circunstantia a esclarecer e que achamos de necessidade ser convenientemente explicada para que se evitem justos meandros de quem quer que seja e também para que não surjam dúvidas no espirito de alguém quanto ao cumprimento da missão a que se propuseram os ilustres componentes dessa Comissão.

Vejam os: Porque adoptou a Comissão Executiva do Monumento a designação de «Pró-Monumento aos Heróis da Grande Guerra» e não a de «Pró-Monumento aos Mortos da Grande Guerra» que mais a caracterizar a sua missão de glorificar o valor e o esforço dos que pela Pátria e pela sua Terra foram Heróis na verdadeira significação do termo pois deram tudo quanto lhes foi possível dar — o seu sangue e a sua vida? Pergunta-se também: Que é que se pretende simbolizar com o monumento a erguer em Guimarães? Pois não será, fundamentalmente, o sacrificio, o heroísmo, a abnegação estóica dos vimaranenses que morre-

Águas errantes...

*O' águas dos arroios, murmurantes,
O' águas tão branquinhas que correis,
Onde é que ides vós, águas errantes?...
E que dizeis baixinho, que dizeis?...*

*Ide mais devagar... Deixai cair
Na minha alma a vossa alma cristalina,
Que bem dentro de mim eu quero ouvir
A vossa voz de amor e de menina...*

*... Que de palavras lindas, amorosas,
Que de queixumes tristes, suspirados,
As pequeninas ervas buliçosas,
Aos seixos redondinhos, prateados!!...*

*Vós sois, águas palmeiras, o consolo
De muitos lábios secos de desejos...
De bocas que procuram vosso colo
E ai se dessedentam com seus beijos...*

*Brotais tão mansuelinhas dos outeiros,
Dos montes, serranias e valados!
Depois, feitas riachos e ribeiros,
Ides chorar no mar os vossos fados!...*

*E o mar que vos espera a todo instante,
Em suas mãos de espuma, num enleio,
Vos leva contra o peito trovejante
E nunca mais vos larga do seu seio!...*

*Sois vós, águas errantes e chorosas,
Depois de o mar vos ter e abraçar,
Que em noites de luar, silenciosas,
Chorais dentro da voz triste do mar!*

*O' águas dos arroios, murmurantes,
O' águas tão branquinhas que correis
Onde é que ides vós, águas errantes?...
E que dizeis baixinho, que dizeis?...*

Março de 1936. Delfim de Guimarães.

ram nos campos de batalha da Flandres, do Mar, de Angola e de Moçambique, durante a Grande Guerra, de 1914 a 1918?

Se assim é, como tudo parece naturalmente indicado, se esse é o intuito inicial, como nos parece ter sido desde o começo da perseverante campanha desenvolvida nas colunas deste jornal pelo seu assíduo colaborador, Manuel de Guimarães, parece-nos que há um erro na designação adoptada. Pretende-se, com a construção do Monumento evocar, duma forma geral, a valentia e o esforço de todos, os Vivos e os Mortos, que na Grande Guerra batalharam?

Se essa é a ideia também nos parece lógico o critério adoptado. Que é que se entende por Heróis da Grande Guerra?

Evidentemente que heróis só se podem denominar verdadeiramente aqueles dentre os combatentes que se notabilizaram pelas suas façanhas e pelos seus actos individuais de arrojo e de audácia no campo de batalha. Mas se assim se entendem as coisas, quem são os Heróis? Há que notabilizá-los, há que individualizá-los, para se fazer justiça a quem a merece. Melhor seria então dizer «Pró-Monumento aos Combatentes da Grande Guerra», pois nesta designação genérica de Combatentes se englobariam todas as patentes e todas as categorias, sem excepções que irritam, sem particularidades que magoam, sem parcialismos que incomodam, pois todos, vivos ou mortos, seriam consagrados justamente na designação totalitária e mais racional.

Na minha forma pessoal de ver esta questão, eu creio que há no meio de tudo talvez um lapso que facilmente pode remediar-se modificando-se o lema da Comissão.

Eu penso que a cidade de Guimarães, à semelhança das demais terras do país, que pensaram e já realizaram essa comovedora homenagem, não deve nem poder fugir à ideia primordial que presidiu a esse civico dever, que é, sem dúvida, honrar principalmente a memória estremecida dos que, fundamentalmente, deram as mais elevadas provas de abnegação e sacrificio pela Pátria, nos campos de batalha da Grande Guerra — os Mortos — que para todo o sempre por lá ficaram a perpetuar o heroísmo lusitana com a sublime renú-

EDREDONS

Acabam de chegar, para serem vendidos a prestações semanais com bónus.

Visite a Casa das Gravatas.

O caso do Monumento

O Sr. Capitão Duarte Fraga responde ao Sr. A. Lopes de Carvalho.

Senhor Director:

Não supunha eu, após a publicação da minha carta, inserida no penúltimo número deste jornal, que novamente teria de abordar em público quaisquer assuntos que se prendessem com o Monumento aos Heróis da Grande Guerra, e menos ainda supunha que, a ter de fazê-lo, o fizesse por virtude de ser forçado a esclarecer e rectificar palavras do sr. António Lopes de Carvalho. Com efeito, tendo este senhor afirmado categoricamente que o relato dos factos mencionados naquela referida carta era verdadeiro, entendi que ele ficaria por ali no respeitante à minha pessoa, e por isso nem sequer me dei ao trabalho de corrigir uma transcrição, feita por S. Ex.^a no 1.º artigo da sua autoria, no «Berço da Grei», de certa passagem desse relato, transcrição que foi, para o efeito de tirar ilacções contrárias à verdade, propositadamente, cavilosamente truncada. Acontece, porém, que o Sr. Lopes de Carvalho, em 2.º artigo publicado no dito jornal, altera factos, tira conclusões erróneas e, na ânsia de elevar posições nada brilhantes, dá aos seus dizeres um ar provocantemente pessoal, a que não posso, de modo algum, ficar indiferente.

Bom fôra que o Sr. António Lopes de Carvalho deixasse em paz a minha pessoa, porque todos lucravam com isso, — o público, S. Ex.^a e eu. O público não teria de aturar-nos; S. Ex.^a não perderia o seu preciosíssimo tempo, todo necessário para a sua superior e inteligentíssima devoção ao Bem Comum, em especial aos negócios da administração municipal; e, finalmente, eu continuaria na tranquillidade da minha vida, avêssa a especulaculocidades...

Diz o Sr. António Lopes de Carvalho que a *concursofilia*, referida no meu artigo, tem fundamentos sérios e criteriosos, e menciona entre eles, «o voto unânime da Comissão de Estética (sessão de Janeiro de 1935), onde a ideia do concurso está claramente expressa nesta deliberação, destacada e recordada pelo sr. Capitão Duarte Fraga: — «que fossem consultados alguns artistas... mediante um pequeno prêmio».

O sr. Carvalho, com este argumento, leva longe de mais uma coisa que é o contrário da lialdade de processos de combate.

Do relato dos factos da minha carta, relato por S. Ex.^a categoricamente reconhecido como verdadeiro, infere-se o seguinte: que, ao contrário do que era afirmado no officio dirigido pelo sr. Presidente da Câmara ao sr. João Teixeira de Aguiar, Presidente da C. E. Pró-Monumento, não foi votada a qualquer proposta relativa a concurso na celebrada reunião da Comissão de Estética, em Janeiro de 1935.

Como vem, agora, o sr. Carvalho, reincidir numa tão flagrante falta de verdade, falando de *voto unânime*?

E como classificar o processo de que lança mão para invocar as minhas palavras?...

Eu escrevi: *Ficou, em face disto, prejudicada a ideia do concurso, tendo-se todavia assentado em que fossem consultados alguns artistas, para ver se eles, mediante um pequeno prêmio, se dispõem a apresentar trabalhos seus.* O sr. Lopes de Carvalho vai a esta tão clara afirmação, que pertence ao número dos fac-

tos por ele próprio reputados verdadeiros, e sem cerimónia, com uma correcção que desde agora ficará proverbial, mutilou, no 1.º artigo, as palavras «... em face disto, prejudicada a ideia do concurso», e no seu 2.º artigo, deixou somente do período citado as expressões atrás indicadas.

Alterou, assim, cavilosamente, o sentido do texto a que faz referência, para o efeito de tirar dêle uma conclusão absolutamente contrária ao que dêle pode ressaltar e à veracidade dos factos.

Invocar como provando ter havido, na tal reunião, *voto unânime* sobre o concurso, um texto onde se escreveu — «*Ficou, em face disto, prejudicada a ideia do concurso*» — e perentente a relato de factos considerados verdadeiros pela própria pessoa que comete a cavilação, é coisa que brada aos céus!... Fica-se espantado de como pode ir tão longe o des... norteamento!...

Que de uma vez para sempre seja afirmada esta irrefragável verdade, que, por o ser, ninguém de boa fé pode desmentir: *não foi, na questionada reunião da Comissão de Estética, a que assisti, aprovada qualquer proposta, não houve voto algum referente a concurso, antes a ideia deste ficou prejudicada, precisamente por ter a opposição cerrada do sr. Lopes e do sr. António Azevedo.*

Mente quem quer que seja que afirme o contrário!

Eis o que vale o primeiro *sério e criterioso* fundamento do sr. António Lopes de Carvalho!...

Nada mais seria preciso para definir a minha posição e a do sr. Carvalho nesta questão do Monumento. Em todo o caso, não será desnecessário, antes o entendo conveniente, responder a algumas das outras afirmações contidas no 2.º artigo da sua autoria, para inteiro esclarecimento do público.

Como fundamento — sério e criterioso, no dizer de Sua Ex.^a — da já consagrada «concursofilia», apresenta o sr. Lopes de Carvalho o seguinte: «A ideia do concurso fixou-se no parecer sensato de toda a gente, tornou-se necessidade à conducta oficial da Câmara, uma vez que, intempestivamente, surgiu uma «maquette», a qual ninguém encomendou, e quem fazer vingar sem respeito pelas deliberações municipais e com manifesta adulteração do pensamento base aprovada pela Vereação (palavras de sua ex.^a) a malfadada «maquette»!

Aliás, ao contrário do que pensa o sr. António Lopes de Carvalho, ela não *adultera* o pensamento da base aprovada em sessão de 34. Mas isto é, como diria o recém-falecido Kipling, uma outra história... Contudo, esperemos que Sua Ex.^a nos demonstre, um dia, a razão do seu assêrto... Neste mesmo jornal, e neste n.º, será publicada uma carta de alguém que no Exército Português ocupa posição do maior relêvo e que sobre a «maquette» expende opinião plena de autoridade.

Equívoca-selamentavelmente o sr. Carvalho quando afirma: «O concurso que justificadamente se deixou de fazer para um projecto de Monumento orçado em 30.000\$00, é agora aconselhado que se faça para um projecto de Monumento orçado em 90.000\$00». No seu primeiro artigo havia S. Ex.^a referido, e essa referência corresponde à verdade, que a verba destinada ao Monumento, ao tempo da reunião da Comissão de Estética, era de 70.000\$00. (Transcreve-se: «Redigiu o sr. Capitão Mário Cardoso o officio-circular dirigido a esses artistas, indicando-se então — que a verba do mo-

celentemente interpretou e executou, prestar mais um desinteressado serviço a esta Terra, que estimo e venero como se minha fosse e que já tenho servido com dedicação merecedora — permita-se-me a imo-déstia — do respeito daqueles que, por nela terem nascido, maior obrigação têm de contribuir para o seu progresso.

Mostrada, em primeiro lugar, a algumas pessoas particularmente convidadas, a opinião unânime (este *unânime* é verdadeiríssimo) dos que a apreciaram levou-me a fazer com que fosse exposta ao público. O público — não sei se o Sr. Carvalho o ignora, mas não é possível que tal aconteça — deu-lhe inteiro aplauso, a ponto de poder dizer-se, sem receio de exagero, que raras vezes ele se terá manifestado tão ostensiva e calorosamente. Foi flagrante o contraste com o que pouco antes acontecera...

O facto de ninguém ter encomendado a «maquette» não é argumento que possa valer ao sr. Carvalho. E, antes, motivo de orgulho e honra para quem se esforçou pela sua execução, e deveria merecer o aplauso de todos os que amam esta Terra, simples particulares ou entidades oficiais, não já pelo valor intrínseco da realização artística, mas pelo elevado propósito que a originou. Pois ainda será motivo de censura que tenha havido alguém que, voluntariamente, desinteressadamente, pretendeu contribuir para dar satisfação a uma das maiores aspirações do povo de Guimarães?

Do artigo do sr. Carvalho, especialmente do acinte com que, ao justificar a deveras curiosa «concursofilia», se refere ao meu nome, tira-se a conclusão de que sua ex.^a pretende induzir os leitores da sua prosa na errada suposição de eu ter o propósito de, «intempestivamente», agravando a Vereação e indo de encontro ao «parecer sensato de toda a gente», impôr a *maquette*.

Nem eu, nem qualquer outra pessoa, quero *fazer vingar sem respeito pelas deliberações municipais e com manifesta adulteração do pensamento base aprovada pela Vereação* (palavras de sua ex.^a) a malfadada «maquette»!

Repito: não pretendi, de modo algum, impor a «maquette» a que tenho ligado o meu nome e cuja execução pertence inteiramente a um Artista que o é de verdade. Sômente pretendo que Guimarães tenha o monumento porque anseia. Se o sr. Carvalho e a vereação, com concurso ou sem ele, o fazem construir, melhor, desde que ele seja, em verdade, digno do objectivo da comemoração e, também, desde que seja superior, em concepção e realização, ao que resultaria da pobre «maquette» que tantos engulhos causa a S. Ex.^a.

«Por dignidade própria, tem pois de voltar atrás.» — diz o sr. Lopes de Carvalho.

Quererá S. Ex.^a que destrua a «maquette», para acabar, assim, de vez, com a questão? Quererá que ela seja sujeita a um concurso? Por a minha parte, acho bem, e o Artista que a executou não se eximirá, com certeza, ao exame de qualquer júri competente.

Lições de dignidade, não tive, até hoje, e espero em Deus não as ter, recebidas de quem quer. O sr. António Lopes de Carvalho, cujo amor pelas expressões altissonantes é so-

numero a erigir seria de 70.000\$00»).

De 70.000\$00 para 30.000\$00 há considerável diferença. E certo que, posteriormente, a verba baixou para 30.000\$00, mas o argumento — sério e ponderado como os demais, não produz o almejado efeito.

Afirma o sr. António Lopes de Carvalho que um dos fundamentos sérios e criteriosos da «concursofilia» é a campanha feita pelo *Notícias de Guimarães*, concluindo por afirmar que eu não sou, certamente, contra o concurso, por dever ter escrúpulos em tomar uma posição que foi condenada nos outros. E diz: «O facto de ter aparecido uma «maquette» da autoria do sr. Capitão Fraga e apadrinhada pelo *Notícias de Guimarães*, fora das condições de um concurso e mesmo sem haver sido encomendada, é um sintoma que tirando todas as vantagens de quem se nos queira impôr *isento de culpa*, se mostra, a-final, *mais culpado*. Por dignidade própria tem, pois, de voltar atrás!».

O sr. Lopes de Carvalho sabe perfeitamente que a responsabilidade das campanhas deste jornal pertencem à sua direcção. Sabe igualmente — e fui eu quem, no meu primeiro artigo o tornei público — que, na reunião da Comissão de Estética, de Janeiro do ano findo, se houve quem se manifestasse, expressa e abertamente, contra o concurso foi S. Ex.^a, não eu. Do que então se disse, não me arrependo, nem retiro palavra. O sr. Carvalho é que mudou, e não sei se mais alguém, inteiramente de opinião, servindo-se agora, para se justificar de tal mudança, de especiosas razões e de fundamentos cujo critério e seriedade são tão exuberantes como ficou atrás demonstrado...

Eu não tomo qualquer posição que fosse condenada nos outros! Eu não sou, nem quero ser *isento de culpa*, pois nunca fui, nem posso ser, *culpado* de coisa alguma! Acaso, em qualquer ocasião, eu disse ou escrevi palavra de que se pudesse inferir semelhante intuito? Ou será minha culpa o querer muito a esta Terra, e por isso, lhe proporcionar maneira de efectuar uma das mais gratas aspirações dos seus naturais?

Repito: não pretendi, de modo algum, impor a «maquette» a que tenho ligado o meu nome e cuja execução pertence inteiramente a um Artista que o é de verdade. Sômente pretendo que Guimarães tenha o monumento porque anseia. Se o sr. Carvalho e a vereação, com concurso ou sem ele, o fazem construir, melhor, desde que ele seja, em verdade, digno do objectivo da comemoração e, também, desde que seja superior, em concepção e realização, ao que resultaria da pobre «maquette» que tantos engulhos causa a S. Ex.^a.

«Por dignidade própria, tem pois de voltar atrás.» — diz o sr. Lopes de Carvalho.

Quererá S. Ex.^a que destrua a «maquette», para acabar, assim, de vez, com a questão? Quererá que ela seja sujeita a um concurso? Por a minha parte, acho bem, e o Artista que a executou não se eximirá, com certeza, ao exame de qualquer júri competente.

Lições de dignidade, não tive, até hoje, e espero em Deus não as ter, recebidas de quem quer. O sr. António Lopes de Carvalho, cujo amor pelas expressões altissonantes é so-

bejamente conhecido, não viu até onde poderiam ser ofensivas as suas palavras. A demasiada paixão conduz, por vezes, a situações muito melindrosas, e, não raro, torna obtusa a mais excepcional inteligência...

Referindo-se ao facto, por mim aludido, de não ter sido aberto concurso para outros Monumentos da cidade, o Sr. Carvalho diz, pelo que respeita aos erigidos a Sarmento e a Molarinho, que esses exemplos não me aproveitam.

S. Ex.^a quis significar que eles não me aproveitam para o efeito de se dar efectivação à «maquette» em que colaborei, isto é, quer, assim, dar a entender que, quando aludi aos monumentos erigidos sem concurso, tinha por fim defender a ideia de que o fosse também o projectado aos Heróis da Grande Guerra.

Interpretou muito mal o meu pensamento, porquanto me socorri dos referidos e outros exemplos sômente para comprovar a estranheza em que estava, e me mantenho, de ter aparecido a tal «concursofilia», de que é actualmente estrénuo e ferveroso adepto o sr. Carvalho...

Vai já demasiado longo este escrito, impondo-se, por isso, que o termine.

Do exposto podem os leitores tirar conclusões seguras sobre o assunto em questão, fazendo justiça a quem a merece.

Antes, porém, de acabar, há ainda que ir de encontro a duas afirmações do Sr. Lopes de Carvalho.

Diz-me S. Ex.^a que faça com que «a Câmara se abstraia, se exclua da obrigação contraída em erigir o Monumento».

«... Só depois a iniciativa particular terá ensejo de seguir o rumo que entender, quanto à falta administrativa». Acrescenta: «Em todo o caso, será bom salientar que, tratando-se, como é evidente, de um monumento que tem de traduzir a nossa espiritualidade cristã e nacionalista perante o sacrifício dos que morreram no cumprimento dum dever cívico, esse Monumento tem de obedecer à indicação de um pensamento base, sob as responsabilidades da gente que está governando o Município.»

Ora, o meu interesse, e o de toda a gente, é que a Câmara não se abstraia, nem se exclua da obrigação contraída em erigir o Monumento. Pelo contrário, o voto fervoroso dos vimaranenses e dos que, não sendo por nascimento, o são por devoção, é que a Câmara a si mesma se imponha o imediato cumprimento dessa obrigação. Mas também é voto caloroso de todos — que não haja quem, por quaisquer motivos menos aceitáveis, entrave, complique, dificulte e acabe por impedir uma consagração justíssima e que é vergonha não se ter efectuado há muito mais tempo.

Quanto ao pensamento base (sua ex.^a tem acendrado amôr a expressões desta grandiloquência...) não vejo em que a *maquette*, que tão mal dispôs a reconhecida competência artística do sr. Carvalho, possa ferir a «espiritualidade cristã e nacionalista perante o sacrifício dos que morreram no cumprimento dum dever cívico»...

Espero ser ilucidado a tal respeito.

Finalmente — já não é sem

GRAVATAS
Coleção Páscoa
CASA DAS GRAVATAS
(82)

Primores de educação

Sempre o livro da *Civilidade* ensinou os ignorantes e os grosseiros de maneiras.

Meninos a quem falhe o assunto ou se destemperem em doutrinarismo que são incapazes de compreender, dão-se ao luxo de se figurarem em personagens de Rostand, autênticos «patos-berregas», só para nos dizerem que estão ali e que os seus argumentos valem pela gritaria que levantam.

No fundo... a educação fica a perder de vista e as boas maneiras não encontram eco no livro do «Parece mal».

Semana Santa

Em todos os templos da cidade, haverá, na Quinta-feira Maior a Exposição do SS.^{mo} a porta do sacrário, conservando-se abertos durante a tarde e parte da noite, para a visita dos fiéis.

Também na capela da Senhora da Guia e das Trinas, haverá a mesma solenidade naquele dia.

No templo do Carmo — Na Quinta-feira Santa haverá missa cantada e Exposição do SS.^{mo}. A's 23 horas realizar-se-á uma adoração de desagravo, fechando a igreja às 24 horas.

Na Sexta-feira Santa a igreja abrir-se-á às 6 horas, continuando a Exposição do SS.^{mo}. A's 9 horas realiza-se a Adoração da Cruz, e a Missa de Presantificados.

No Sábado haverá todas as cerimónias litúrgicas do dia, principiando pela bênção do lume, havendo Missa solene.

Na Capela de S. Domingos — Na capela da V. O. T. de S. Domingos e promovida pelo dig.^{mo} Padre Mestre desta V. O., haverá também as cerimónias da Semana Santa.

Quinta-feira, às 9 horas, haverá missa resada, Procissão e Exposição do SS.^{mo}.

Sexta-feira, às 7 horas, Missa dos Presantificados e Adoração da Cruz.

Sábado, às 6½ horas, Missa, Bênção do Lume e Círio Pascal.

Domingo de Páscoa, às 9 horas, Missa da Ressurreição.

Procissão do Ecce-Homo

Na igreja da Misericórdia realizam-se várias solenidades na quinta e sexta-feira, saído, dali, na quinta-feira ao princípio da noite, se o tempo o permitir, a Procissão do Ecce-Homo que percorrerá os templos da cidade, em visita.

DINHEIRO

Empresta-se, sobre hipoteca. Informa esta Redacção. (74)

VENDE-SE a propriedade da Madre-de-Deus, próxima à Capela, sita na freguesia de Azurém, alodial e que se compõe de diversas casas, eido, alpendre, hortas, campos lavrados e avidados com fruteiras, e uma coutada de mato com carvalhos.

Recbe propostas o solicitador João Couto. (50)

tempo — exorto o sr. Lopes de Carvalho a que me diga, claramente, sem subterfúgios, qual a intenção que o moveu ao escrever estas palavras: «Um Monumento de homenagem aos mortos, erigido em praça pública, é lição, exemplo e testemunho, não de núcleos, de praças, de grupos, mas da cidade, da alma colectiva dos vimaranenses».

A que núcleos, praças, grupos, se refere Sua Ex.^a? Em qual desses grupos, praças ou núcleos me encontro eu, se é que sua ex.^a não me quiz atingir, ou aos que se interessam deveras pela realização do Monumento, mas sômente, como é seu velho hábito, terminar o seu arazoado por uma linda flôr de retórica?...

Fica-lhe muito grato, pelo espaço tomado, o

Att.º e Ven.ºr

Cap. Duarte Fraga.

N. da R. — A carta a que se refere o Ex.^{mo} Sr. Capitão Duarte Fraga, da autoria do Ex.^{mo} Sr. Tenente-Coronel José de Barros Rodrigues, será publicada brevemente neste jornal.

Crónica do Porto

IMAGENS DUM NOCTIVAGO

...Deambulei, desorientado, pelas ruas desertas da cidade. O Porto, às quatro da manhã, não tem a cenografia agitada das grandes capitais cosmopolitas. E' insípido, é triste — falta-lhe o entusiasmo da multidão que vive de noite.

homenagem pela sua mais recente descoberta... Está a vêr?... Mais além, outro, e mais outro!... Depois, ali ao fundo, naquêlo maravilhoso palácio onde reina a alegria e onde se amontoam diversos homens, falando cada um a seu modo, num empastelado de línguas, — que discutem, que bracejam acaloradamente, enquanto outros os escutam, — tudo por minha causa?...

Casa Pimenta
RUA 31 DE JANEIRO, 33 a 37
TELEFONE 180
Lanifícios, Tecidos de Algodão e Miudezas
Esta casa acaba de receber um enorme e variado sortido em casimiras dos mais modernos padrões para a estação do verão.

porte de pobres em trânsito, atingiu a importância de esc. 149.678\$65, havendo um saldo para o ano corrente de esc. 12.578\$30, sendo a sua receita de esc. 195.495\$25 e a despesa das contas gerais no período de 1934-1935, de esc. 182.916\$95.

sendo o crédito dos vários encargos de Esc. 748.318\$53, havendo um saldo de Esc. 417.915\$04, que, distribuído pelos Fundos e para a conta a legados, o eleva à bonita soma de Esc. 1.271.954\$57.

Crónica de Lisboa

Foi preso, no bairro do Campo de Ourique, um indivíduo por andar na via pública em trajes menores. Verificou-se que estava embriagado, recolhendo ao calabouço da esquadra dos Terramotos.

Casimiras, as melhores, as mais baratas, as mais modernas, na Filial Pimenta Machado.

DA CIDADE

Solenidade das Dóres — Com todo o brilhantismo, realizou-se na última sexta-feira, no templo da V. O. T. de S. Francisco, a festa solene em honra da Mater-Dolorosa.

Ribeiro, Filho ALFAIATE
Convida os Ex. mos Clientes e amigos a visitarem a sua casa, e a examinarem os artigos de alta novidade, do sortido que recebeu para a estação de verão, com os preços marcados, do fato pronto a vestir, que tem em exposição na sua vitrine, e, além desses, muitos outros, que apresenta para escolher ao Largo do Conselheiro João Franco, desta cidade.

Vejam diariamente as exposições de fatos com preços, na Filial Pimenta Machado.
Falta de espaço
Por absoluta falta de espaço em que lutamos neste número, fica de fóra vário original, entre o qual a secção «Dos livros. Dos jornais».
Esta falta pedimos desculpa.

Literatura REALISMO

Por cópia de apontamentos: 1933; inverno; fim de Dezembro; horizonte de litoral. Cerca das 4 da tarde; aragem aspera; céu semi-plúmbeo. Cemitério novo e aberta uma sepultura. No desentulho — sanguíneo e enlaçado — aqui uma tibia, aiém um fémur, uma e outra como que cisnados; mais além pequenos arcos dum reflexo de papel de prata — as costelas, e por fim a um lado a caveira côr de barro claro. Envoltentes, pedaços de madeira de despedaçado caixão.

João da C. Reynaldo.

Pela Câmara

A C. A. da Câmara em sessão de 2 do corrente deliberou: Conceder o subsídio de 4.000\$00 à Junta de Freguesia de Serzedo, para pagamento à Câmara de Felgueiras da cota que cabe àquela freguesia...

Aprouv as seguintes condições para a expropriação de 1969 metros quadrados de terreno do quintal da "Casa dos Pombais"...

FALÊNCIA

A requerimento de Manoel dos Anjos, casado, industrial, desta cidade e por sentença de 20 do corrente mês, foi julgado em estado de falência Fernando Alves Marques...

DESPORTO

O grupo local foi de longa data capital de Trás-os-Montes, e trouxe como recordação da viagem, uns 3 a 1 negativos. Fêz, segundo notícias os jornais, uma segunda parte primorosa...

tômas de reacção contra as cenas pouco edificantes que nos rectângulos da bola eram exibidas. Mais vale tarde do que nunca. Sômente bastam duas frases para responder ao autor da carta publicada no último número deste jornal...

Almeida Ferreira.

Limpeza e afinação de máquinas de escrever. Pessoa de probidade, encarrega-se. (72) Tournal n.º 2 - Guimarães.

Passa-se por motivos de partilhas, um estabelecimento de ferragens, bem situado, com larga clientela em junto e retalho. Bom emprego de capital. R. de St.º António, 83, 85 e 85 A. (61)

ESPINGARDA

Merkel de canos sobrepostos, quasi nova, vende Umberto Guimarães Pinheiro - Guimarães. (54)

FALECIMENTOS

Contando 70 anos de idade e após cruciantes sofrimentos, faleceu, ao princípio da noite de sábado passado, na sua residência à rua Dr. António da Mota Prego, a sr.ª D. Maria Antonia de Moura Nunes, esposa do nosso prezado amigo sr. José Maria Nunes...

NOTÍCIAS PESSOAIS

Dr. Augusto d'Oliveira Valente. Passou no dia 1 do corrente o aniversário natalício do Meretíssimo Juiz de Direito desta Comarca, sr. dr. Artur Augusto d'Oliveira Valente...

DO CONCELHO

Caldas das Taipas, 3. A outra festa aqui realizada à qual prometemos aludir foi em honra do antigo Reitor desta freguesia P.º Domingos José Antunes Machado. Acabara de ser aposentado o virtuoso sacerdote. Quiseram, por isso, os seus paroquianos promover-lhe uma grandiosa manifestação...

Usaram da palavra muitos e distintos oradores entre os quais se destacam o então coadjutor P.º António Afonso e Vieira e P.º Silva Gonçalves, como representante de S. Ex.ª Rev.ª o Sr. Arcebispo, que o povo freneticamente aplaudiu.

É que o P.º Domingos José Antunes Machado coubera marcar, logo de entrada, a sua posição; e no largo período em que dirigiu e espiritualmente os destinos do povo das Taipas — mercê das raras qualidades que possuía — conduziu-se sempre de tal forma que, sem ferir ninguém, quer na prática dos seus actos individuais, quer no cumprimento dos seus deveres religiosos, se tornou detentor da estima e amizade de todos os seus paroquianos.

Na sexta-feira da semana passada, e confortado com os Sacramentos da Santa Igreja, faleceu, após um prolongado sofrimento, no lugar do Montinho, desta freguesia, o sr. Jerónimo Ribeiro, proprietário. Deixa viúva e bastantes filhos, alguns de tenra idade.

Na escola oficial masculina, desta freguesia, foi colocado o professor, sr. João Roberto Teixeira Sepúlveda. Oxalá que a sua presença se mantenha para bem da instrução e educação das criancinhas.

Trata-se de "Ruge-Ruge", a levar a efeito na 5.ª feira da Semana Santa, a altas horas da noite, no meio de barulho ensurdecedor, e com vozes disfarçadas por meio de instrumentos adequados, visando criaturas que lhes pareça, aos do grupo ou grupos, que ainda se não confessaram, e pronunciando, entre outras palavras e frases

EXUMAÇÕES DO PASSADO

Carta da abadessa do convento de Lorrão, por ocasião da entrada da infanta D. Branca no mesmo convento, reinado de Afonso III, morto em 1279. Ao muy alto Senhor dom Affonso pela graça de Deus Rey de Portugal e do Algarve, Orraca Rodrigues Abbadessa e Convento do Mosteyro de Lorrion inviamos humildemente beijar vossas mãos.

Civil de S. Torcato, os seguintes registos: nascimentos, 42; óbitos, 14; casamentos, 8. Serzedelo, 4. Por alma do grande benemérito e saudosos filho desta freguesia, sr. José Pereira Torres Carneiro, celebraram-se na quinta-feira, na igreja paroquial, uma missa, mandada celebrar pelos sobrinhos do inesquecível morto.

GRATIDÃO

Não tenho palavras com que possa manifestar a minha mais profunda e imorredoura gratidão ao distinto e querido médico de Vizela, ex.º sr. Dr. Manuel B. de Faria, que, durante a minha grave e longa enfermidade, me tratou, desinteressadamente, com a mais caridosa dedicação e constante assiduidade, não só revelando os seus nobres sentimentos de incomparável bondade, como, também, os seus méritos profissionais.

Banco de Portugal

Encontra-se em pagamento o dividendo do 2.º semestre de 1935, pagando-se por cada acção nominativa a importância líquida de 19596 e por cada acção averbada ao portador 18565.

A Filial Pimenta Machado é hoje a casa que mais sortido tem em casimiras. (77)

Espectáculos

No Salão de Festas do Azilo de St.ª Estefânia realiza-se no próximo domingo, dia 12, às 21.15 horas, um espectáculo promovido pelo Grupo Dramático Vimaranesense, com a brilhante colaboração da aplaudida Orquestra Vimaranesense, cujo programa é o seguinte:

1.ª parte - Ouverture pela Orquestra. A deliciosa opereta original em 1 acto, ornada com lindíssimos números de música - O MODELO DA VIRGEM. 2.ª parte - Recitativos e Canções por vários componentes do Grupo.

FIM DE FESTA no qual toma parte D. Laura Vilaça, José Campos, António Gomes e Alfredo Ferrer. - Apresentação de números por Teixeira Lopes, dedicado ao "Sindicato dos Empregados do Comércio", "Vitória Sport Club", e "Combatentes da Grande Guerra".

BAR de S. Torcato

Prima pela qualidade dos Vinhos Verdes da Região - Tintos e Brancos - encarregando-se também da execução esmerada dos bons e apetitosos petiscos, tudo a preços razoáveis.

A situação aflitiva duma pobre Senhora

No nosso n.º 164, de 24 de Março, contamos assim, rapidamente, a triste história duma desventurada Senhora: Veio à nossa redacção uma pobre senhora - Maria Guiomar Damásio, de 42 anos de idade - que nos fez um pedido para aqui o transmitirmos aos nossos generosos leitores.

Transporte

C. T. B. 495\$50
Uma senhora 5500
Uma senhora 5500
A transportar 505\$50